



V Congresso da Indústria Portuguesa Agro-Alimentar “COMPETITIVIDADE E CRESCIMENTO”

Intervenção do Presidente da FIPA

Exmo. Secretário de Estado Agricultura,

Exmo. Senhor Presidente da CIP,

Estimados associados da FIPA,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Bem-vindos ao 5º Congresso da Indústria Portuguesa Agro-Alimentar, organizado pela FIPA.

Competitividade e crescimento, este é o nosso tema, esta é a nossa ambição!

A indústria alimentar e das bebidas assume hoje o incontornável estatuto de mais setor industrial do país. O seu Volume de Negócios atinge os 14 600 Milhões de euros e os postos de trabalho diretos ascendem a 104 000. O nível de exportações têm crescido de forma sustentável esperando-se que no final deste ano que atinja um novo valor record, ultrapassando os 4.250 Milhões de euros registado no final de 2013.

Fruto da parceria estabelecida com a Deloitte, à qual desde já agradeço todo o empenho e determinação, teremos hoje a oportunidade de ter uma radiografia detalhada deste setor e as perspetivas dos seus mais destacados empresários e gestores num testemunho direto e genuíno, deixando também o meu mais profundo agradecimento a todos os que responderam positivamente a este desafio.

Este Congresso visa debater e encontrar caminhos para dar resposta a três grandes pilares: o crescimento da economia, o foco no consumidor e o crescimento sustentável. Estas são três variáveis que consideramos serem conciliáveis e que irão mais uma vez diferenciar a indústria alimentar e das bebidas.

Entendemos que a maior prioridade do nosso país é a da inversão do ciclo de recessão em que caímos, com as duras consequências, que todos conhecemos, para os cidadãos e para as empresas.

A indústria alimentar e das bebidas não foi exceção. Uma inimaginável retração do mercado interno, ameaçou deitar por terra anos e anos de trabalho e investimento, levando muitos empresários e gestores a enfrentar cenários que nem a experiência prática nem os cenários académicos mais pessimistas tinham traçado.

No entanto, apesar das dificuldades, este setor tem-se recusado sempre a baixar os braços. Houve empresas que arriscaram e investiram, tentaram melhorar a qualificação dos seus recursos humanos como forma de adaptar os postos de trabalho e reter competências, mas acima de tudo, muitas perceberam que o mercado é global e que teriam que olhar para o exterior como forma, diria mesmo a única forma, de crescer!

Queremos traçar uma perspetiva otimista, pois Portugal tem dado demasiada atenção aos profetas da desgraça.

Mas não podemos deixar de lançar alguns avisos à navegação.

- Continuamos a viver um ambiente de escassez de financiamento aos projetos de investimento. Este é um problema que continua à espera de resolução e que está a amputar a dinâmica de crescimento;
- Vivemos na iminência de um período prolongado de inflação substancialmente abaixo da meta ou de deflação e, embora o BCE tenha recentemente afastado este último cenário, receamos que se esteja a entrar numa espiral de decréscimo generalizado dos preços de bens e serviços que, ao contrário do que pode parecer numa primeira análise, terá um efeito negativo na economia e irá ameaçar a retoma e o ajustamento em curso, facto que teria um impacto ampliado em Portugal;
- Assistimos a uma permanente ameaça velada de mais e mais impostos, que nascem sob o auspício do seu impacto na saúde ou no ambiente mas que visam apenas o engordar da receita fiscal. Mais do que a carga fiscal, já por si estranguladora das empresas e cidadãos, teme-se esta permanente incerteza que afasta grande parte do potencial investimento;

- A elevada taxa de IVA em várias categorias de produtos alimentares, com enorme diferencial face à vizinha Espanha, bem como a taxa de 23% aplicada ao setor da restauração, retira competitividade às nossas empresa e, infelizmente, veio confirmar o cenário de retração do consumo que a FIPA, por antecipação, traçou ao Governo.
- Num OGE-2015 em que é anunciado que não haverá aumento de impostos, existem setores agro-industriais, como é o caso do setor cervejeiro, que vê ser-lhe aumentado o seu imposto especial de consumo (IEC) em 3%, um valor bem acima da inflação. Este aumento vem penalizar um setor fortemente exportador (exportou em 2013 quase 40% da sua produção), que já contribui direta e indiretamente com quase 1000 milhões de euros em receitas fiscais por ano para o Estado, pois possui uma cadeia de valor sediada em Portugal e uma relação muito direta com a empregabilidade do canal HORECA. É legítimo esperar que o Governo possa ainda alterar na especialidade este aumento fiscal e, no mínimo, faça como o Governo espanhol que já anunciou que pelo 9º ano consecutivo, irá manter no próximo OGE o IEC da cerveja “congelado” para promover o crescimento da economia.
- Por outro lado, a economia dos bens transacionáveis não pode continuar a pagar a economia dos bens não transacionáveis.

Mas como disse, queremos ser positivos, queremos olhar para o futuro com confiança.

- Acreditamos que podemos evoluir no sentido do reforço da cadeia de valor. Torna-se hoje imperativo continuar um trabalho já iniciado de aproximação e diálogo entre os vários elos. Com a recente adequação do quadro legal das práticas individuais restritivas do comércio às novas realidades, cumpre-nos continuar o trabalho conjunto iniciado com os nossos parceiros. É com particular agrado que anuncio que a FIPA está a contribuir ativamente, no seio da CIP, para que seja alcançado, a nível nacional, um código de boas-práticas eficaz, consistente e que possa ser subscrito por todas as partes interessadas;

- Acreditamos na internacionalização do setor e estamos a trabalhar nesse sentido. Recordo que a FIPA apresentou ao Ministério da Agricultura e do Mar uma visão que espelha a realidade das empresas e as sinergias público-privada que têm de ser criadas para que Portugal se afirme cada vez mais no mercado global da alimentação e bebidas. Temos tido um papel ativo e estamos empenhados na concertação de esforços. É necessário trabalhar no sentido da valorização dos produtos produzidos em Portugal e das marcas nacionais com real capacidade exportadora, porque sem marcas fortes Portugal não conseguirá atingir as metas a que se propõe.
- Acreditamos no potencial de inovação das empresas do setor. Temos trabalhado com o Governo para o estabelecimento de uma estratégia consistente e estamos empenhados em contribuir para a consolidação de um cluster económico devidamente abrangente e de dimensão nacional, no âmbito do novo processo de reconhecimento. Este é um desafio que não pode deixar de contar com a FIPA.

A Federação da Indústrias Portuguesas Agro-Alimentares, foi criada em 1987, um ano após a adesão de Portugal à então CEE, constituindo-se como verdadeira parceira na adaptação das indústria nacional a novas exigências.

A verdade é que 27 anos depois temos uma indústria moderna e dinâmica, ao melhor nível do que podemos ver por esse mundo fora. Mas temos, ao mesmo tempo, cada vez mais desafios.

Ao primeiro ciclo de adaptação à realidade europeia, seguiram-se os temas da segurança alimentar, hoje consolidados, da alimentação, nutrição e estilo de vida, da sustentabilidade, da resposta à crise económica e financeira, da exploração dos mercados externos, da investigação e inovação, do reequilíbrio das relações na cadeia de valor, entre outros.

A FIPA tem estado sempre na primeira linha de atuação!

Criámos novos modelos de gestão interna e temos vindo a crescer em número de associados e, mais importante ainda, na representatividade que abrange hoje largamente o setor.



Soubemos estabelecer parcerias com entidades pública, associações profissionais, ONGs, e mundo associativo, sempre que entendemos ser positivo para a nossa indústria.

Profissionalizamos a nossa estrutura numa perspetiva de solidez para o futuro.

Assumimos dar voz à indústria nacional a nível europeu, quer participando como membro de pleno direito e ao mais alto nível na Confederação Europeia da Indústria Agroalimentar (FoodDrinkEurope), quer nos consórcios de investigação e desenvolvimento.

A FIPA afirma-se assim hoje como a principal interlocutora do setor agroalimentar.

Temos vindo a acrescentar valor à nossa indústria nas mais variadas vertentes.

O nosso foco é promover um ambiente de competitividade que sirva as nossas empresas e consequentemente a economia nacional.

Hoje o discurso político e institucional deixou de se limitar ao “agro” e inclui já, de forma natural, o “alimentar”. Este passo deve-se ao papel da FIPA e das empresas do setor mas também se deve muito ao trabalho desenvolvido pela Senhora Ministra da Agricultura e do Mar e a sua equipa durante esta legislatura.

Não posso terminar sem dirigir uma palavra de apreço ao Dr. António Lobo Xavier ao Dr. Hélder Muteia, representante da FAO em Portugal, pela forma imediata com que deram resposta positiva ao nosso desafio.

Ainda um agradecimento especial a todos os oradores convidados, ao moderador, aos patrocinadores deste Congresso, aos nossos associados e aos participantes em geral, pois só assim nos é possível prosseguir com a tradição deste encontro de verdadeira dimensão nacional.

Desejo que o Congresso supere as melhores expectativas!